

Automedicação em crianças: um problema de saúde pública

Children's self-medication: a public health concern

Grace Pfaffenbach¹

A utilização de medicamentos tem sido descrita pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como comercialização, distribuição, prescrição e uso de medicamentos em uma sociedade, com ênfase especial nas consequências médicas, sociais e econômicas⁽¹⁾. Estudos a respeito do uso de medicamentos são relevantes em saúde pública, pois, desde o século 20, quando os primeiros medicamentos começaram a ser produzidos, até os dias de hoje, seu processo se modificou e essas mudanças foram incorporadas nas legislações para registro e comercialização. O medicamento deixou de ser um produto de origem natural e artesanal para ser industrializado, passando a ser encarado com um bem de consumo^(2,3). No entanto, o acesso universal aos serviços de saúde e aos medicamentos não vem acompanhando as necessidades em saúde de vários países. Paralelamente, as estruturas reguladoras de mercado em diversos países apresentam fragilidades e suas políticas de medicamentos mostram dificuldades de implementação⁽⁴⁾.

O medicamento traz intrinsecamente um valor simbólico, que expressa o desejo de modificar o curso natural da doença. Dentro desse cenário, a automedicação se estabelece na tentativa de mitigar agravos em saúde, gerando irracionalidades no consumo, levando a consequências com impacto sanitário importantes para qualquer sistema de saúde. Atualmente, estima-se que cerca de 50% dos medicamentos vendidos, prescritos ou dispensados são inadequadamente consumidos^(4,5).

A automedicação pode, então, ser compreendida

como o uso de medicamentos não-prescritos, muitas vezes de venda livre, com objetivo de "tratar" sintomas leves, sem consultar um médico⁽⁶⁾, consistindo em um processo que ocorre por iniciativa do usuário ou de seu responsável para utilizar um produto com a crença de que este lhe trará benefícios no tratamento de doenças ou alívio de seus sintomas⁽⁷⁻¹⁰⁾. Tal fenômeno tem implicação importante para crianças, nas quais o cuidado é exercido por seus responsáveis⁽¹¹⁻¹⁴⁾.

Atualmente, o tema da automedicação em crianças tem sido abordado na literatura, mas carecem estudos que ampliem sua análise e permitam demonstrar intervenções efetivas. As motivações para a automedicação em crianças estão muitas vezes relacionadas à busca de alívio de sintomas como resfriado, febre e dor^(14,15). Estudos têm apontado que as principais classes terapêuticas utilizadas em crianças são anti-inflamatórios não-esteroidais, analgésicos e antibióticos^(13,14,16-18). A frequência da automedicação em crianças tem se mostrado elevada em vários estudos^(6,11-18) e é fator preocupante quando parcela importante dessa população não recebe atenção adequada por parte dos serviços de saúde, ficando o cuidado restrito às decisões do cuidador.

O estudo publicado neste fascículo da Revista Paulista de Pediatria por Beckhauser *et al*⁽¹⁹⁾ aborda a questão da automedicação em crianças de famílias cobertas pela Estratégia Saúde da Família e traz rico material para reflexão sobre as práticas em saúde, bem como para o trabalho de educação com a comunidade.

Referências bibliográficas

1. World Health Organization. Technical report series: the selection of essential drugs. Geneva: WHO; 1977.
2. Sociedade Brasileira de Vigilância de Medicamentos. O que é uso racional de medicamentos. São Paulo: Sobravime; 2001.
3. Laporte JR, Tognoni G. Estudios de utilización de medicamentos y de farmacovigilancia. In: Laporte JR, Tognoni G, editors. Principios de epidemiología del medicamento. 2nd ed. Barcelona: Ediciones Científicas y Técnicas; 1993. p. 1-24.
4. World Health Organization. The world medicines situation. Geneva: WHO; 2004.
5. World Health Organization. Conference of experts on the rational use of drugs: the rational use of drugs. Geneva: WHO; 1987.
6. Du Y, Knopf H. Self-medication among children and adolescents in Germany: results of the National Health Survey for Children and Adolescents (KiGGS). *Br J Clin Pharmacol* 2009;68:599-608.
7. Hughes CM, McElnay JC, Fleming GF. Benefits and risks of self medication. *Drug Saf* 2001;24:1027-37.
8. World Health Organization. Guidelines for the medical assessment of drugs for use in self-medication. Copenhagen: WHO; 1986.
9. World Health Organization. The benefits and risks of self-medication. *WHO Drug Information* 2000;14:1-2.
10. Arrais PS, Coelho HL, Batista MC, Carvalho ML, Righi RE, Arnau JM. Perfil da automedicação no Brasil. *Rev Saude Publica* 1997;31:71-7.
11. Bricks LF, Leone C. Utilização de medicamentos por crianças atendidas em creches. *Rev Saude Publica* 1996;30:527-35.
12. Mendes Z, Martins AP, Miranda AC, Soares MA, Ferreira AP, Nogueira A. Self-medication prevalence in a Portuguese Urban Area. *RBCF* 2004;40:21-5.
13. da Silva CH, Giugliani ER. Consumption of medicines among adolescent students: a concern. *J Pediatr (Rio J)* 2004;80:326-32.

14. Pereira FS, Bucarechi F, Stephan C, Cordeiro R. Self-medication in children and adolescents. *J Pediatr (Rio J)* 2007;83:453-8.
15. Bi P, Tong S, Parton KA. Family self-medication and antibiotics abuse for children and juveniles in a Chinese city. *Soc Sci Med* 2000;50:1445-50.
16. Béria JU, Victora CG, Barros FC, Teixeira AB, Lombardi C. [Epidemiology of drug consumption in children of a urban center of the southern region of Brazil]. *Rev Saude Publica* 1993;27:95-104.
17. Morales-Carpi C, Julve Chover N, Carpi Lobatón R, Estañ L, Rubio E, Lurbe E *et al.* Drugs used in paediatric outpatients: do we have enough information available? *An Pediatr (Barc)* 2008;68:439-46.
18. de Carvalho DC, Trevisol FS, Menegali BT, Trevisol DJ. Drug utilization among children aged zero to six enrolled in day care centers of Tubarão, Santa Catarina, Brazil. *Rev Paul Pediatr* 2008;26:238-44.
19. Beckhauser GC, Souza JM, Valgas C, Piovezan AP, Galato D. Utilização de medicamentos na Pediatria: uma investigação sobre a prática de automedicação em crianças por seus responsáveis. *Rev Paul Pediatr* 2010;28:262-8.

Instituição: Hospital de Clínicas da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, SP, Brasil
¹Doutora; Membro do Núcleo de Avaliação de Tecnologias em Saúde e da Comissão de Farmácia e Terapêutica do Hospital de Clínicas da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, Campinas, SP, Brasil

Endereço para correspondência:
Grace Pfaffenbach
Rua Vital Brasil, 251 – Cidade Universitária Zeferino Vaz
CEP: 13083-888 – Campinas, SP
E-mail: grace@hc.unicamp.br

Conflito de interesse: nada a declarar

Recebido em: 8/6/2010